

CAPÍTULO XXII

PÉS QUE BATEM, VOZES QUE ENSINAM: O COCO NA ESCOLA

Virna Vasconcelos Lopes Sales¹

Ismark do Nascimento Oliveira²

Amanda Caline da Silva Omar³

¹Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado - João Pessoa, Paraíba, Brasil; virna.vlopes@professor.joaopessoa.pb.gov.br

²Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado - João Pessoa, Paraíba, Brasil; ismark.noliveira@professor.joaopessoa.pb.gov.br

³Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado - João Pessoa, Paraíba, Brasil; amanda.csomar@professor.joaopessoa.pb.gov.br

Esse Coco: de onde vem?

No contexto da Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado, o ensino se entrecruza com os saberes e conhecimentos do território de Paratibe, na memória e nas expressões culturais que constituem o modo de vida da comunidade. Este relato propõe o coco de roda como fundamento metodológico, e tecnologia ancestral que integra corpo, território, oralidade, ritmo e pertencimento.

A identidade quilombola enfrenta desafios históricos de exclusão e ameaças à preservação de suas tradições, especialmente no campo educacional. Nesse cenário, a Lei 10.639/2003, que tornou obrigatória a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar, e o Decreto nº 6.861/2009, que garante o direito à educação quilombola, são marcos fundamentais na luta por reconhecimento e equidade.

Esses aparatos legais ressaltam a importância de um modelo educacional que valorize saberes locais e fortaleça as identidades culturais e o protagonismo quilombola.

No entanto, sua implementação esbarra na falta de currículos e práticas pedagógicas alinhados à realidade histórica e cultural dessas comunidades.

Com o objetivo de construir práticas pedagógicas que reforcem o sentimento de pertencimento dos estudantes e reafirmem o compromisso da educação na construção de uma sociedade antirracista e mais justa, este percurso volta-se para a Comunidade Remanescente Quilombola de Paratibe, localizada no bairro de mesmo nome, na cidade de João Pessoa, Paraíba. Uma das três únicas comunidades quilombolas urbanas da Paraíba, Paratibe resiste ao avanço de latifundiários, à especulação imobiliária e ao crescimento desordenado no entorno. Ainda assim, a comunidade resiste com força, preservando seus saberes e modos de vida.

Para tanto, identificamos na sala de aula um espaço potente de enfrentamento às desigualdades e exclusões sociais, compreendendo a educação como um instrumento fundamental para o desenvolvimento e o fortalecimento da democracia, capaz de promover a reflexão crítica e corajosa sobre os desafios vividos pelos sujeitos (Freire, 1967, p. 89-90).

Inspirados em Jacques Le Goff (1990), compreendemos os processos de formação das memórias coletivas e suas implicações na constituição das identidades, para através delas propomos uma educação mais significativa. Por fim, apresentaremos possibilidades metodológicas voltadas para práticas educativas antirracistas, com base no ensino interdisciplinar. Nesse contexto, a História local assume papel fundamental na valorização das memórias coletivas e no fortalecimento das identidades quilombolas, dimensões essenciais para o ensino comprometido com o território.

A seguir, relatamos a prática desenvolvida com estudantes do 5º ano da Escola Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado, evidenciando como o coco de roda foi mobilizado como fundamento metodológico.

Saberes da Roda

Os fundamentos metodológicos são princípios que orientam a construção e partilha do conhecimento na escola, seguindo um movimento de responder a questões como: que conhecimento é válido? Como se aprende? Quem ensina? De que forma ensina?

Ao refletirmos sobre isso, facilmente nos transportamos para um contexto tradicional de educação, no qual nos deparamos com listas de atividades e livros didáticos, em uma pedagogia eurocentrada, racionalista e disciplinar. Mas ao pensarmos no contexto no qual nos inserimos, uma escola quilombola, é necessário repensar os fundamentos metodológicos para responder às questões levantadas.

Para Foucault (1996), todo saber é parte de um dispositivo de poder, condição na qual a validação de um discurso em detrimento de outros é regulada historicamente por formas de dominação e sistemas de exclusão. Repensar os fundamentos metodológicos em uma escola quilombola implica reconhecer que os saberes historicamente silenciados, oriundos das tradições africanas, afro-brasileiras e quilombolas, devem ocupar centralidades no processo educativo. Isso exige deslocar o olhar da escola como espaço neutro e universal para compreendê-la como território de disputas simbólicas, no qual se deve dialogar com as vivências, memórias e epistemologias do território. Como destaca Nilma Lino Gomes (2005), é preciso ampliar o campo do conhecimento escolar para incluir os saberes que emergem das experiências negras e periféricas, promovendo, assim, uma educação comprometida com a justiça social, com a identidade dos sujeitos e com a transformação das estruturas de exclusão. Na Educação Escolar Quilombola essas formas de ensinar devem partir dos saberes do território, da corporeidade, oralidade e ancestralidade presentes no entorno da Escola questionando a naturalização das injustiças sociais e a reverberação do status quo, buscando transformações. Como afirmam Omar e Lopes:

dentro do processo educativo, apresentar ambientes comuns à realidade do estudante ou trazer para o ambiente escolar pessoas e ou objetos que estejam atrelados ao meio social da criança, como elo com sua comunidade, traz, além de aprendizado significativo, uma relação de pertencimento que, de acordo com as ideias acima apresentadas, corroboram para o entendimento de si, na construção da identidade. (Omar; Lopes, 2018, p. 91)

O Projeto Político Pedagógico (2023) destaca a necessidade de repensar as formas de transmissão do conhecimento escolar, que ainda privilegiam exclusivamente o saber escrito. Valorizando saberes oriundos da escuta, curiosidade e das experiências como formas legítimas e mais significativas de aprender, especialmente quando têm como base a oralidade.

A partir da perspectiva pedagógica libertadora de Freire (1996), valorizar as vivências e culturas dos sujeitos é essencial para o desenvolvimento da autonomia e o fortalecimento do empoderamento social. Neste sentido, segundo Nilma Lino Gomes (2005), é preciso considerar o currículo escolar como lugar de disputa simbólica, no qual o conhecimento tradicional eurocentrado precisa ser ampliado por outras epistemologias e vivências. Segundo a autora, a “escola precisa ser pensada como um espaço onde os sujeitos podem se reconhecer em sua história e cultura, e isso passa necessariamente pelo reconhecimento das contribuições africanas e afro-brasileiras na formação do país” (Gomes, 2005, p. 83).

No contexto educacional quilombola, Gouveia (2015), afirma que a Educação Quilombola precisa ser entendida como um território de resistência e afirmação da identidade cultural, promovendo a articulação entre os saberes tradicionais orais e as práticas educativas formais, de modo a garantir o reconhecimento da trajetória histórica dos povos quilombolas e a valorização de sua memória coletiva.

Sob a luz dessa perspectiva de ensino significativo, surge o interesse por introduzir em sala de aula um elemento significativo da memória coletiva da comunidade de Paratibe: o coco de roda. Segundo Le Goff (1994), a memória coletiva é essencial para a identidade de um grupo. No caso dos quilombolas, ela fortalece a identidade e a reivindicação de direitos, sendo transmitida oralmente e por meio de práticas culturais.

Entre os moradores mais antigos de Paratibe, é comum ouvir relatos carregados de saudade. Ainda existem aqueles que recordam os cocos, em festas que iam até o amanhecer nos terreiros, unidos as famílias em torno de muita conversa, risadas e rimas improvisadas. No entanto, essas tradições têm sido cada vez mais esquecidas no cotidiano da comunidade. Segundo Gonçalves (2010):

Eles viviam de acordo com o ritmo da natureza, dependiam das safras (eram coletores, principalmente, de caju e manga) e das marés (eram pescadores de mar e de mangue), além de cultivarem macaxeira, inhame, milho, feijão, batata etc., e fazer carvão vegetal. Paratibe era lugar de festas religiosas, coco de roda, bailes de sanfona, banhos de rio... E muita bebida. Não há morador e moradora que não abra um sorriso largo quando fala das festas de antigamente e suas alegrias. Ainda há aqueles e aquelas que lembram dos cocos (Gonçalves, 2010, p. 79).

O coco de roda, expressão musical e corporal presente em comunidades quilombolas não apenas de Paratibe, mas de todo Nordeste, foi compreendida como metodologia viva, alinhada à pedagogia do território. Ao articular oralidade, ancestralidade, corporeidade, musicalidade e coletividade, o coco permitiu experiências significativas de ensino-aprendizagem em diversas áreas do conhecimento. Permitindo, assim, a interlocução de conhecimentos com o que o autor indígena, Jecupé (1998) introduz tratar de memória cultural e sua relação com a cultura de tradição oral, descrevendo-a como uma forma ancestral de educação, em que o saber é transmitido pela fala, fluindo de geração em geração, do pai, do avô, do bisavô.

Neste sentido, retomamos os questionamentos feitos por Kilomba (2019, p.49) sobre porque ensinar determinado conteúdo e não outro, questionando: de quem é esse conhecimento? Quem se reconhece ter esse conhecimento? Então, refletimos: A decolonialidade como uma postura de enfrentamento a todas as formas de opressão que se fazem presentes na sociedade em diálogo com um fazer pedagógico pautado na afrocentricidade, sendo esta, descrita por Pinheiro (2021) como uma perspectiva filosófica de construção pedagógica baseada nas contribuições da população africana, sem reduzi-la a uma narrativa triste ou marcada pela dor e decadência.

Sendo assim, ao propormos a abordagem sobre o coco de roda em sala de aula, unimos tais conceitos ao pensamento contra-colonial de Antônio Bispo dos Santos, líder quilombola, que propõe o saber orgânico que diz respeito sobre preservação da oralidade como forma de registro, além da observação e escuta dos mais velhos, além da preservação de outros saberes do povo negro. O que eles chamam de saber popular, empírico, eu chamo de saber orgânico Bispo dos Santos (2015, p. 90), para assim rompermos as barreiras do ensino etnocêntrico em direção a práticas transgressoras que visem o protagonismo dos saberes por muito tempo silenciados.

Vivência do Coco de Roda

A atividade foi realizada com 36 estudantes do 5º ano B, entre 10 e 14 anos. Integrou propostas de atividades de oralidade, produção textual, dança, música e outras disciplinas, trazendo para a roda, a confluência entre saberes tradicionais da

comunidade e os conhecimentos determinados para o contexto do ano escolar ao qual os estudantes estão inseridos.

A partir do planejamento conjunto entre professores foi iniciado o percurso pedagógico no qual foram contextualizadas as narrativas relacionadas ao coco de roda no Quilombo de Paratibe por meio de roda de conversa, valorizando valores como a circularidade e a herança cultural, enaltecendo a estrutura do coco de roda, que exige uma construção coletiva musical e artística, foi o ponto de partida para as atividades pedagógicas. As atividades musicais foram voltadas à musicalização dos(as) estudantes por meio da escuta ativa, construção musical coletiva e experimentações com os instrumentos musicais de percussão presentes no coco de roda, separados em três famílias: membranofones¹, idiofones² e canto coral. Entre os instrumentos utilizados estavam os membranofones (alfaia, zabumba, melê, tambor falante e pandeiro) e os idiofones (ganzá, chocalho, caxixi), articulando ritmo e coletividade com palmas e canto.

Figura 1 - Alfaia, ganzá, pandeiro, xequerê e baquetas.



Fonte: Arquivo pessoal

As práticas em educação musical foram fundamentadas no método de Carl Orff, que propõe o folclore local e o uso dos instrumentos de percussão em seu processo educacional, Nascimento (2021) nos apresenta que a metodologia propõe o ensino

¹ Instrumentos musicais em que o som é gerado pela vibração de uma membrana esticada que é percutida, friccionada, agitada ou até mesmo soprada

² Instrumento musical cujo som provém da sua própria vibração.

musical baseado nos variados instrumentos de percussão, canções populares e no folclore. O coco de roda tornou-se eixo da musicalização e resgate ancestral, fortalecendo a identidade dos(as) estudantes.

O projeto incentivou a documentação de saberes orais da comunidade, despertando o interesse dos(as) estudantes pela história local. Ao reconhecer as manifestações culturais como forma legítima de conhecimento, fortaleceu-se o vínculo entre escola e território, promovendo uma educação situada, crítica e emancipadora.

A abordagem vocal baseia-se na tradição oral do coco de roda, compartilhando com os estudantes a prática oral popular adaptada em técnicas de musicalização, favorecendo a compreensão da construção musical, aquecimento vocal, afinação, solfejo melódico e rítmico.

A interdisciplinaridade e seus desdobramentos afro-culturais promoveram o diálogo entre elementos regionais da comunidade e os conteúdos escolares, integrando musicalização, artes visuais, memória e territorialidade às disciplinas de Língua Portuguesa, Música, Ciências Naturais e Matemática. Um dos momentos articulou Língua Portuguesa e Música, explorando a formação de palavras e a comparação entre ritmo e grafia musical. O segundo utilizou imagens de frutas e árvores típicas do Nordeste, como o umbu e o cajueiro, associando-as ao ritmo do coco de roda por meio de uma abordagem lúdica, oral e culturalmente significativa.

As atividades de musicalização vocal aliaram técnica e criação autoral, estimulando o protagonismo dos(as) estudantes ao comporem canções inspiradas em suas vivências escolares e comunitárias. Abordaram noções básicas do canto coral, utilizando a interdisciplinaridade com a matemática na execução dos graus conjuntos da escala musical seguidos da figuração lúdica numérica para prática do solfejo.

Figura 2 - Língua Portuguesa e Música



Figura 3 - Música e frutas nordestinas.



Fonte: Material ilustrativo

Figura 4 - Matemática e música



Fonte: Material ilustrativo

Ao final, os(as) estudantes criaram uma Loa autoral³, retratando sua vivência escolar e comunitária por meio do canto e da tradição oral:

Coco de roda em Paratibe

Não tem dia e não tem hora

Na Antônia do Socorro

Aqui tem coco de roda

A Loa, gênero textual e musical presente no maracatu e na ciranda, retrata o cotidiano e a vivência social por meio do canto. A Loa é parte de um fenômeno textual que relaciona a vivência comunicativa apresentando ações do cotidiano, utilizando do improviso e dos versos para contar de forma oral as experiências atuais e passadas (França e Maciel, 2021).

A experiência envolvendo audição, produção oral, escrita e oficina de dança despertaram muito interesse dos estudantes, o que possibilitou através de uma aula de campo, a vivência de rememorar uma tradição ancestral na trilha do Rio do Padre, território ancestral do Quilombo de Paratibe, durante o trajeto no trecho de mata, os estudantes e professores cantaram e dançaram o coco de roda em um momento de cultura pulsante.

Fechando a roda

Utilizar o coco de roda como fundamento metodológico reafirma a necessidade

³ https://drive.google.com/drive/folders/1F9s0xGGlo7NwUvrOilHmw9x4shZIB_wU?usp=drive_link .

de uma escola quilombola que fale a língua do seu povo, não apenas no idioma, mas nos gestos, cantos, passos e memórias. Incorporar práticas culturais afro-brasileiras no currículo não é apenas uma escolha estética ou simbólica, mas uma atitude política e epistemológica. Ao centralizar o coco de roda, a escola valoriza os saberes da comunidade, combate o epistemicídio e promove aprendizagens contracoloniais.

Referências

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, quilombos: modos e significados**. Brasília, DF: INCTi, 2015.

ESCOLA MUNICIPAL QUILOMBOLA PROFESSORA ANTÔNIA DO SOCORRO SILVA MACHADO. **Projeto Político Pedagógico**. João Pessoa, 2023.

FRANÇA, Ana Cláudia, et al. “Loas de Maracatu de Baque Solto” em turma de alfabetização: inserção de produtores do gênero da tradição oral no contexto da educação de pessoas jovens, adultas e idosas. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 12, n. 34, p. 213–237, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores: repensando a relação entre o pessoal e o político. **Revista Educação & Sociedade**, 2005.

GONÇALVES, Maria Ronízia. **Relatório antropológico de reconhecimento de delimitação do território de Paratibe**. João Pessoa: INCRA, 2010.

GOUVEIA, M. Educação Quilombola e Identidade Cultural. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 64, 2015.

JECUPÉ, Kaka Werá. **A terra dos mil povos**. São Paulo: Peirópolis, 1998.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

NASCIMENTO, Ivaneide Pereira do. **Educação musical inclusiva: discutindo adaptações para o fazer musical de pessoas com deficiências físicas**. 2021. TCC (Graduação em Licenciatura em Música) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

OMAR, Amanda Caline da Silva; LOPES, Virna Vasconcelos. Saberes e Fazeres

Quilombolas: um caminho significativo para o afroletramento. *In*: CANANÉA, Fernando Abath. **Protagonismo Pedagógico**: vivências docentes emancipadoras. João Pessoa: Imprim Gráfica, 2018.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **História Preta das Coisas**. 1a ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2021.

Sobre os Autores e Autoras

Virna Sales. Mestranda em em Ciências da Linguagem - UNICAP; Especialista em Gênero e Diversidade na Escola - UFPB; Graduada em Pedagogia - UVA; Professora Pedagoga na Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado.

Ismark Oliveira. Graduado em Licenciatura em Música - UFS; Professor de Arte na Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado.

Amanda Omar. Doutoranda em Educação - PPGE/UFPB; Mestra em Arte - Prof Artes/UFPB; Graduada em Educação artística com Habilitação em Artes Cênicas - UFPE; Professora de Arte na Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado.